

Pesquisa FAPESP nº 2021/04556-0
ENTREVISTA COM M1
Cidade: Maringá (Paraná, Brasil)
Entrevistada: M1, 60+ anos, professora aposentada
Entrevistador: Rodrigo Sartori Bogo
Local de realização da entrevista: Cafeteria

TRANSCRIÇÃO

Entrevistador (Rodrigo)

- Só pela parte burocrática, porque enfim, como é uma pesquisa que envolve... é uma pesquisa qualitativa como a gente chama, né? Envolve as entrevistas e os dados que vão sair delas, análises que a gente vai fazer, são inteiramente de cunho científico. E, M1, só precisaria, enfim, você falar seu nome para o microfone, né? E autorizar essa gravação.

Entrevistada (M1)

- M1, autoriza a gravação da entrevista.

Entrevistador

- Perfeito. Então, eu só vou te dar um panorama geral, enfim, do que a minha pesquisa é e como que ela, para a gente começar efetivamente. Então, eu estou estudando os impactos dos orçamentos participativos, aqui se chama Orçamento Cidadão, né? Mas em geral, o instrumento é conhecido como orçamento participativo, como ele surge em Porto Alegre e tal... em cidades médias, ou seja, os meus estudos de casos no Brasil são Maringá e Araraquara. E eu estou comparando também com Vallejo, que é uma cidade na Califórnia, e Lodz, que é uma cidade na Polônia. São todas cidades entre 600 e 300 mil habitantes, cidades médias, como a gente chama. Valejo é um pouco menor, mas está ali na área da grande São Francisco, então a gente considera que ela também faz parte do núcleo da pesquisa. A ideia é identificar como que o orçamento cidadão, orçamento participativo, vem para modificar ou não as relações de poder na cidade. Ver se ela tem algum impacto ali no que já ocorre no planejamento urbano, na gestão urbana. E a minha hipótese é que em cidades médias tem potencial para alcançar mais impacto do que nas metrópoles ou em pequenas cidades. Isso é uma hipótese, né? Eu estou testando ela a partir da pesquisa. E essa minha pesquisa faz parte de uma pesquisa maior, que a gente faz em um grupo de 8 universidades, das quais a minha, a UNESP de Presidente Prudente faz parte, que se chama Fragmentação Socioespacial e Urbanização Brasileira. A gente está estudando as mudanças da urbanização contemporânea no Brasil em cidades médias. Nós temos várias cidades que fazem parte da pesquisa. Chapecó, Mossoró, Dourados, a própria Presidente Prudente... Maringá é uma delas. Uma das cidades que faz parte da pesquisa. Enfim, a minha pesquisa está dentro desse guarda-chuva, vamos dizer assim. Então, só para te dar o panorama do que... é um grupo bem grande. Enfim, a minha pesquisa é financiada pela FAPESP, que é a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Eles que financiam a minha pesquisa. Então, a primeira coisa seria realmente fazer um perfil seu, se pudesse falar... Enfim, você já falou seu nome, mas a sua escolaridade, qual que é a sua profissão, qual é a sua situação civil, enfim, o perfil geral seu, se puder dar.

M1

- Sou casada, há quase 40 anos, moro em Maringá a minha vida inteira, apesar de ter nascido em Curitiba, só fui nascer em Curitiba, mas fui criada em Maringá. Mais precisamente, dentro da Zona 2 eu fui criada. E tenho curso superior completo na UEM [Universidade Estadual de Maringá], em letras. Dei aula muito tempo, inclusive, dentro da UEM. E com o tempo me decepcionei e fui para... Porque professor quando se dedica e não gosta da remuneração, ele tem que sair, não pode levar decepção adiante. Aí fui trabalhar com o financeiro de empresas e hoje eu sou aposentada.

Entrevistador

- Perfeito. E...

M1

- E sou ativista, né? [risos]

Entrevistador

- Sim, então, a próxima pergunta seja justamente sobre isso, como que você se inseriu no ativismo da associação de moradores e, obviamente, no debate sobre o orçamento cidadão. Então conta um pouquinho sobre a sua história.

M1

- Eu sempre fui muito empenhada nas coisas que eu tinha que fazer. Se eu entrasse eu tinha que entrar de cabeça. Se eu me decepcionasse era hora de eu sair. A minha família a vida inteira trabalhou dentro da igreja católica e chegou num ponto que eu sentia necessidade de fazer alguma coisa de forma voluntária. E não passava tanto pela caridade a minha vontade, e sim de organizar alguma coisa, proporcionar bem-estar à população. Ao invés de trabalhar dentro da igreja, que não é muito minha praia, resolvi trabalhar para a sociedade. Eu olhei para o meu bairro, e o meu bairro totalmente abandonado. Eu falei "Gente..."

Entrevistador

- A zona 2 no caso.

M1

- É, a zona 2. Um bairro de idosos predominantemente. Se os idosos aqui estão aqui a tendência é cada vez mais esse abandono de idosos, e eu sempre tive muita ligação com idosos. Eu falei "Amanhã eu vou estar abandonada aqui". Eu vi uma necessidade de auscultar esses idosos, as necessidades deles, as facilidades deles. E eu via que havia uma distância muito grande de comunicação do poder público com esses idosos. Primeiro, eles sentem o incômodo em ter que ligar para 156, em ter que fazer uma reclamação. Eles não sabiam fazer, hoje eles sabem, eu tenho que cutucar: "Não, faça!". É diferente hoje a dinâmica, mas antes era ensiná-los a exercer o seu direito. E eu fui fazendo isso com eles, foi isso que me motivou a trabalhar com os idosos, o atendimento aos idosos. Os bairros estão envelhecendo, a

cidade está envelhecendo, como o país. E os idosos estão abandonados e precisam requisitar seus direitos, precisam melhorar seu bem-estar. E como eu cheguei ao Orçamento Cidadão? Eu comecei como uma voluntária na associação, a associação é uma das associações mais antigas da cidade e ela tem muito poder de voz. Eu cheguei como voluntária através de uma aluna minha que era presidente. De lá eu fui vice-presidente. Da vice-presidência já estou na segunda gestão.

Entrevistador

- Desde então, 2000 e... são quantos anos de gestão?

M1

- São três anos cada vez. Ano que vem vai para o sexto ano.

Entrevistador

- Desde 2018, 2017.

M1

- Teve a penúltima eleição para o prefeito, logo em seguida eu entrei para a eleição para o... Então assim, seis anos como presidente. - **Interessante.** - Existe um detalhe na nossa associação, dentro do estatuto nós somos proibidos de nos envolver politicamente.

Entrevistador

- No contexto partidário, né?

M1

- Isso eu abracei, sabe? Porque eu acho muito importante, eu vejo que em Maringá e eu acredito que no Brasil inteiro, presidentes da associação sejam usados como braços políticos de prefeitos, de políticos.

Entrevistador

- Sim, a gente tem dentro da literatura do Orçamento Participativo alguns registros, alguns estudos que identificaram essa associação. Às vezes, presidentes de associação de moradores começam a se envolver de maneira muito forte dentro do instrumento, por conta disso eles ganham um certo patamar político e viram vereadores.

M1

- É, e eu nunca quis isso. Assédio eu tive de vereador, vice-prefeita, deputado estadual, deputada federal. [me] chamaram. Nenhum e eu não estou escrita em nenhum partido. E é justamente essa isenção que faz com que haja um respeito. E ao mesmo tempo muito político não goste. Eu sou odiada por muitos.

Entrevistador

- E tu é presidenta a seis anos da associação e faz parte dela há quanto tempo?

M1

- Nove.

Entrevistador

- Nove anos. Tá. Interessante. E em termos de espaço político, esse é o único que tem atuado ou tem algum outro movimento social que faz parte?

M1

- Só esse.

Entrevistador

- Só esse? Tá. Sim, imagino que você...

M1

- O diretor sugou tudo da gente.

Entrevistador

- Imagino. E aí no Orçamento Cidadão tu vem participando desde...

M1

- Desde que eles...

Entrevistador

- Foi reinstituído?

M1

- É, foi reinstituído. Porque assim, na era [Carlos Roberto] Pupin a gente quase não ouviu falar nisso, tá? Quando houve, entrou esse...

Entrevistador

[Interrupção por conta de problema técnico]

M1

- Quando chegou nesse prefeito atual, eles começaram a fazer as audiências. A primeira eu fiz o documento e não podia. Eu estava delegando, por exemplo, nós tínhamos um diretor financeiro. Ele foi falar, entendeu? Mas o documento foi feito por nós. Que haja participação, a gente... Como que a gente elabora o documento? A gente vai ouvindo durante o ano as necessidades. E aquilo que a gente não

consegue colocar através de um 156 [canal de ouvidoria] ou através de um ofício, ou através mesmo de um vereador, porque Maringá funciona desse jeito, sabe? A gente coloca dentro do ofício. Dentro do documento que a gente envia, que é esse documento aqui.

Entrevistador

- Sim. Que você entregou para... Lá na reunião [APGT 1] também.

M1

- É, que eu entreguei na reunião. "Ah, mas tem que fazer online". No online o meu documento vai ser mais um, como um ofício da associação, ele é um. Entendeu? Então, assim, a gente repete muitas coisas que não são feitas. Porque dá a impressão que eles fazem um pouco aqui nesse bairro, um pouco lá naquele bairro, para agradar todo mundo e não sai nada. Não existe uma clareza nesse orçamento. Vai sair o orçamento para tal bairro, tal bairro, tal bairro, tal bairro, não sai. Isso nós não temos.

Entrevistador

- Não tem transparência, então?

M1

- Nenhuma, nenhuma. A gente não sabe o que vem e a impressão é de quem entra na fila para pedir.

Entrevistador

- Sim. E você chegou a comentar que tem uma relação com os vereadores muito forte aqui. Você acha que o clientelismo é um fenômeno aqui em Maringá que está presente?

M1

- Sim. Sim.

Entrevistador

- Você tem algum relato, alguma coisa nesse sentido que tenha passado, que você viu, que você ouviu falar?

M1

- Eu acho que tive uma boa relação, principalmente com os secretários, porque são os secretários que vão nos atender, sabe? Então, por exemplo, nós temos um problema muito sério dentro da zona 2, que é o de corte de árvores. Árvores muito antigas e qualquer sopro maior de vento cai. E o que a gente... Nós temos muitas árvores para serem radicadas e não são. Isso é replantado, esse replantio é muito lento em Maringá. E o que eu consegui? Eu consegui que alguns secretários nos atendessem na limpeza, isso na primeira gestão [governo Ulisses Maia], nos atendessem no corte de árvores. Aí conseguimos, junto com a associação da zona 4, que fizessem um mutirão, eles começaram atendendo Vila

Morangueira, Jardim Alvorada, depois zona 7. Por último a gente, sabe? A gente conseguiu até quem fornecesse o plantio quando nós fizemos o [incompreensível] do Condor, lá que é do supermercado, que eles, ao invés de ceder para a cidade, a gente não se [incompreensível] o plantar das árvores, plantasse nos bairros. Entendeu? A gente conseguiu algumas coisas. Aí, esse secretário veio fazer um mutirão dentro da Zona 2. Só que ele tinha uma determinação do MP [Ministério Público] para que atendesse o Maringá Clube. As árvores mais antigas em volta do Maringá Clube. Maringá Clube é aqui na Serra Azul. Tudo bem, eles estavam atendendo já, só que chamaram de um mutirão para a gente. Existe um vereador aqui chamado Mário... Posso falar? Mário Hossokawa, me odeia, me odeia. E assim [próximo] com a vice da associação. Que quer transformar tudo, porque já recebeu os bens. Quer transformar. Aí o que aconteceu? Esse vereador disse que ele não era atendido, chamou esse secretário lá dizendo que ele estava atendendo particulares. Ele não estava atendendo particulares, eu não pedi nada para mim. Eu pedi para que atendessem a população, os protocolos que estavam da população. Então eu fui no grupo e ficava levantando, "quem tem protocolo há muito tempo aí me levanta, não sei quê, não sei quê, não sei quê". Traduzindo, depois da interferência dele [vereador supracitado], não conseguimos mais...

Entrevistador

- Parou tudo.

M1

- Parou tudo. Tem árvores assim de mais de 22 metros com protocolos super antigos que simplesmente tiraram as máquinas e largaram lá sem cortar.

Entrevistador

- Você falou que esse vereador tem relação com a vice-diretora da associação. - **Da associação.** - Então tem também relação de poder interna na associação?

M1

- A associação passou a ter agora, esse ano, porque ela recebeu os bens.

Entrevistador

- Entendi. Então tem um... Entendi.

M1

- E eu assim... Eu não concordo porque o estatuto, ele é claro. Nós temos que defender os zoneamentos. Zoneamento é ZR1 [zona residencial]. Se for para mudar o estatuto, nós temos que fazer uma reunião para mudar o estatuto. Aí tudo bem. Pela votação da maioria, eu vou defender o que eles querem. Agora, porque eu mudei de ideia, eu vou... não, é uma população que a gente representa. Entendeu?

Entrevistador

- Pode me falar um pouquinho sobre a história da zona 2, assim? Você comentou que tem uma demografia um pouco mais idosa do bairro e...

M1

- A zona 2, ela é assim, do lado de lá são terrenos maiores e é onde predominantemente... do lado de lá que eu digo, é Serra Azul e São Paulo. Predominantemente, foi formado pelos profissionais liberais. Do lado de cá, entre Serra Azul e Tororó, eram mais fazendeiros, sitiantes, eram um pessoal mais simples. Que fazia parte de pessoas em início de carreira, professores. Um pessoal mais simples. Talvez não menos estudado, mas mais simples. E a elite foi perdendo dinheiro, porque o profissional liberal, se ele não faz um capital, se ele cai no INSS, cai a renda. E o que aconteceu? São casarões enormes, sem manutenção, e eles agora querem fazer dinheiro. E do lado de cá, eram casas mais simples. E que foram sendo vendidas, foram herdando, tá? E que há a possibilidade de fazer casas. Eram casas simples, derrubam e fazem casas melhores, né? Você não perde o capital. Então, do lado de cá, a tendência é uma população mais jovem, que são os herdeiros. E é uma... a vocação é mais residencial. Do lado de lá, está tendo uma vocação mais comercial. Justamente porque está tudo fechando ali, mas quando eu faço o zonamento, eu não posso dividir o lado de lá... vou fazer isso, ou fazer aqui do lado de cá, entendeu? Então, é uma coisa assim, que tem que ser muito cuidadosa para ser feita. Porque nós vamos mexer com a vida das pessoas. Que tipo de comércio, que tipo de atividade eu vou pôr para não prejudicar? E o que a gente percebe é que a prefeitura fecha os olhos, o MP que trata disso, fecha os olhos também. A gente denuncia, aí vai lá uma pessoa que tem uma atividade, por exemplo, uma cabeleireira, uma manicure. Que ela mora ali, ela pode exercer essa... ela diz que a associação está pegando no pé. Não, não estou pegando no pé dela. Ela está morando ali, ela é prestadora de serviço, ela pode. Agora quero saber aquele advogado que monta, bota seis, setes de advogados lá dentro e não dorme ali? Porque ZR1 exige concomitância.

Entrevistador

- Sim, Zona Residencial 1, né?

M1

- Exige concomitância. O que a associação é a favor? De baixo impacto, tá? E que tenha concomitância, ela só pede isso.

Entrevistador

- Uso misto, no caso, né?

M1

- Na verdade, eu não posso falar isso... Eu penso assim, mas a associação tem que defender pelo estatuto que está escrito lá. Mas nós temos que pensar que nós não temos estacionamento por uma atividade

comercial. As atividades de saúde, principalmente clínicas populares, demandam estacionamento para ônibus, estacionamento para muita gente, e nós não temos isso. Prédios, somos totalmente contra prédios nessa região, porque é uma região que faz um caminho importante para os ventos em Maringá, refresca a cidade, ela é o caminho entre os bosques, é um caminho dos animais dos bosques, da vegetação, da troca de...

Entrevistador

- Corredor ecológico, né?

M1

- Não, eles... Engraçado que eu falo corredor ecológico, M4 [diz] "o povo não pode falar corredor ecológico", não é? Mas na cabeça da gente é.

Entrevistador

- Ok, ok, não é exatamente isso.

M1

- É essa troca, né? Então, para o biossistema é muito importante isso. Então existe... Aí entra o Ney [arquiteto da associação] para defender o biossistema. E existe tudo isso, vários critérios, por isso que a gente defende coisas de baixo impacto e que sejam concomitantes, porque a segurança da população depende dessa concomitância também.

Entrevistador

- E você sente um interesse muito forte no mercado imobiliário nessa área, pela verticalização?

M1

- Sim, principalmente no lado de lá e nos bosques aqui... Se você andar aqui, você vai ver que tem grandes construtoras com showroom. Grandes terrenos reservados.

Entrevistador

- E daí eles já vão...

M1

- É, no plano de mobilidade eles conseguiram passar da verticalização para fazer um adensamento. Uma pergunta para você como técnico, como conhecedor... Rico adensa?

Entrevistador

- Não, rico tem...

M1

- [risos] Um terreno pequeno aqui, que vale um milhão e duzentos [mil reais].

Entrevistador

- Quanto é?

M1

- Você para fazer um prédio... bom, você precisa ter ao menos quatro. Pensa! A altura. Nós conseguimos evitar a cota 699 aqui. Não pode 500 metros dos bosques, não pode 2 mil metros da catedral. Tudo isso foi uma luta da associação e da própria diocese. Mas a associação propos para a diocese, "vocês vão deixar e cobrir a catedral?".

Entrevistador

- Pois é.

M1

- Essa aqui, essa quadra aqui pode.

Entrevistador

- Por causa da distância?

M1

- Distância dos bosques, mais de 500 metros. E está a mais de 2 mil da catedral.

Entrevistador

- Entendi. E muito bem, são coisas que eu queria ouvir mesmo. Essas relações de poder que tem aqui, a gente sempre tenta buscar na...

M1

- É, Maringá tem donos. Como Londrina [risos].

Entrevistador

- Sim. Só para ficar claro para mim, em relação a associação de moradores. Então ela... A abrangência dela é em relação só a zona dois mesmo, ou ela se expande?

M1

- Ela se expande. Por exemplo, a gente fundou a associação de moradores da zona quatro. Eu tenho, estou dentro da associação de moradores da zona sete, até porque eu tenho um imóvel lá, mas principalmente pelo apoio. A união da zona quatro, zona dois e zona sete fazem um bloco de força. -

Entendi. - Zona cinco, a associação, o presidente é sozinho, não tem população na associação. Ele fala que tem, mas não tem ninguém. Não conheço nenhum associado. Nenhum. E olha que eu tenho muita gente que mora lá e não tem associação, é só um movimento político. E é para vender mesmo a zona cinco para prédio, para essas coisas.

Entrevistador

- Entendi. E as principais pautas que vão aparecer no orçamento cidadão são...?

M1

- Melhorias dentro do bairro.

Entrevistador

- É, principalmente iluminação?

M1

- Iluminação, porque nossa segurança, por causa do tipo de árvore, depende de uma iluminação melhor.

Entrevistador

- Pode ir falando, não tem problema.

M1

- Nós queremos pintura, nós temos nove escolas dentro do bairro. A gente queria pintura de faixas mais constante. Aqui, por exemplo, tem a rua Calmada. E foi um projeto de uma diretora da zona dois, aprovada e implantada aqui. Do início da primeira gestão, ou de quando eu estava vice? Acho que quando eu estava vice. E o negócio, para você conseguir, é muito difícil que faça manutenção, que eles venham. Não porque é difícil para a prefeitura, porque a prefeitura não faz manutenção de nada. Se você conseguir uma limpeza de bueiro, a gente pede para entrar no orçamento [cidadão]. Uma coisa que não deveria entrar. Devia ser obrigação. Eu fui, esses dias, requisitar uma coisa em relação à segurança, por ser um bairro de passagem, aqui que virou um bairro de passagem, eu fui requisitar que eles pusessem câmeras estratégicas para entradas e saídas. E quando eu cheguei lá para requisitar uma coisa de segurança, o vice-prefeito atual, o candidato, me recebeu assim: "Ó, se veio pedir varrição, dá volta. Volta para trás." Isso está dentro do nosso pedido, do orçamento, não deveria estar dentro do orçamento [cidadão], gente. A gente acaba colocando dentro do orçamento coisas que não deveriam fazer parte, que são óbvias. Entendeu? Mas a gente perde tempo com isso para poder ter, pelo menos um pouco. Você vai ver que chega a época de eleição, aparece uma limpeza de esgoto. Passamos quatro anos sem limpar uma boca de lobo. Quatro anos!

Entrevistador

- Eu vi bastante obra no interior, no entorno, não sei se tem relação com esse momento de eleição.

M1

- Eles ampliaram demais tudo na cidade, abriram bastante obras. Existe uma coisa positiva que foi a melhoria das praças. As praças eram abandonadas E a praça é do povo. Em Maringá tem um grande problema, as praças são isoladas porque são balões [rotatórias] e as pessoas passam de carro. Aqui na zona 2 nós conseguimos, mesmo contra a vontade do Ministério Público, a gente torceu ali, consegui que colocasse as faixas elevadas ali na praça de patinação. Por que o que acontece? Ali é uma praça de velocidade. E as velocidades estavam grandando [sic], capotamento e isso e aquilo. Assim, "gente, se vocês não arrumarem um jeito de diminuir isso daí, vai ter atropelamento de criança." A criança não chega na praça, a praça vira só de nóia [sic], fica uma coisa abandonada. O próprio skate já é uma coisa que ela tem um preconceito muito grande, mas ele tem um lado muito bom, que é o social, mas ele é deixado à parte da sociedade, a sociedade não vê com bons olhos. E a associação de skate também trabalhou junto com a gente nisso. Houve um certo... na época não tivemos uma certa... a gente estava indo muito bem, quando foi feita a reforma não ouviram a gente. A associação, fizeram tudo o skate, esqueceram da associação [de moradores]. E eu fui lá e briguei, literalmente, pelo meu povo. "Peraí, a praça é da associação também, a praça é do povo da zona 2".

Entrevistador

- A praça fica na zona 2 mesmo?

M1

- Fica. Ela é a praça Pedro Álvares Cabral, mas é chamada de "praça de patinação". E a gente conseguiu duas faixas elevadas ali, mesmo contra a vontade do Ministério Público, mas conseguimos provar necessidade de diminuir a velocidade, de travessia de idosos, porque eles atravessariam no meio mesmo sem ter uma faixa e estariam se arriscando. Conseguimos parques, parque de idoso, parque de diversão ali, a gente conseguiu algumas coisas ali para interagir, para que as pessoas percamos o preconceito e saibamos interagir. E isso foi muito positivo. -Legal. - E aqui virou uma praça cultural também. Só que agora com a reforma da catedral, a gente foi obrigada a pedir "pelo amor de deus, que não coloquem banheiros ali na praça de patinação, que eles vêm tomar banho daí". Coloquem mais para a praça de cá, porque aqui eles vão tudo para dentro do bairro. Aqui já fica mais difícil eles irem para dentro do bairro. É uma questão de autodefesa nossa, entendeu? Então fica difícil também a gente administrar isso.

Entrevistador

- Justo. E eu vi que além de estar presente nas reuniões dos Orçamento Cidadão, vocês também estão atuando em outros espaços de participação, ou as aberturas que existem.

M1

- Concerne do Plano Diretor a gente...

Entrevistador

- Isso, eu só gostaria de saber se nesses outros espaços, aí você pode citar quais são, se os objetivos de vocês são diferentes ou são os mesmos.

M1

- Todos são em defesa dos nossos bairros, principalmente do que a gente chama do projeto "Cidade Jardim". O objetivo nosso enquanto associação é defesa [das] zona 2, zona 4 e zona 5. Principalmente zona 2 e zona 4. A defesa do projeto Cidade Jardim ela está no Plano Diretor. Foi pedido por nós o tombamento disso, não sabemos se nós vamos ser atendidos. Mas é um jogo de interesses deles porquê... quantas cidades no mundo você sabe que são planejadas?

Entrevistador

- Não são muitas, comparado com a quantidade de cidades que existem.

M1

- Se o Pacaembu em São Paulo pode ser tombado, porque é uma cidade que é planejada, não pode?

Entrevistador

- Brasília é tombada toda, o Plano Piloto.

M1

- O Plano Piloto. E por que a Cidade Jardim não pode ser tombada? A paisagem Cidade Jardim, nós estamos pedindo. Porque daí evitaria a verticalização, a exploração, nos daria um sossego, e manteria. Você pode ver tudo o que você vê de Maringá, se... eles passam pela área de prédio e filme, essa parte que é térrea, é a beleza, é o que chama a qualidade de vida da cidade. É isso. E você vai acabar com a qualidade de vida da cidade?

Entrevistador

- A minha percepção como alguém que é de fora e que está estudando é que as principais marcas que se identificam mesmo da gestão, de qualquer gestão, normalmente são os parques, as áreas verdes, a "Cidade Verde", como é chamada.

M1

- Eles têm muito pouco reflorestamento, eles têm muito pouco replantio de árvore dentro dos bairros. Cada um planta o que quiser, apesar de nós termos um plano de arborização muito bom, mas a Prefeitura segue esse plano, mas não existe uma fiscalização do setor em relação de "vamos percorrer ruas de tal bairro, vamos fazer um levantamento". Nós até fizemos, juntamente com a Prefeitura, a população e saiu pesquisando nós, a sucessão, junto com a Prefeitura, com o Viveiro da Prefeitura, fizemos um questionário, e esse questionário foi entregue por pessoas, a gente divide o bairro, em quem

vai assumir tal quadra, quem vai assumir tal quadra, então vai responder isso e vai retornando. E era direto na Prefeitura. Eles já têm um levantamento de todas a zona 2. Arquivaram. Quando eles podiam fazer um plano piloto, eles arquivaram. Eu fico me questionando se é o medo de achar que a M1 vai aparecer demais, entendeu? O medo de eu ser política, sei lá, dessas coisas, e já cansei de provar que não é, entendeu? Que não tenho interesse nenhum nisso. Ou porque essa força da população é muito grande nessa hora e o medo de...

Entrevistador

- Mexer no vespeiro. - **É.** - Justo. Enfim, acerca da tua experiência nesse período como diretora da Associação, tu citou, por exemplo, esse conflito com o Ministério Público e com...

M1

- O Ministério Público é omissor.

Entrevistador

- E com esse vereador específico que você citou, teria algum outro embate com outros agentes nesse período?

M1

- Bom, o Ministério Público houve uma denúncia, não da Associação, mas de um grupo de pessoas que estavam falando... inclusive uma comissão grande lá no Ministério Público, e simplesmente arquivou, de se dizia a respeito a algum agente da Prefeitura, uma pessoa da Prefeitura que estava agindo para defender interesses escusos da Prefeitura através de dando bolsa-família, bolsa-família não... ah, cesta básica, para assinar um documento como se fosse um abaixo assinado para autorizar a verticalização do local. E a gente detectou em outros documentos que caíram dentro do Conselho esse tipo de ação dessa pessoa. Ministério Público arquivou. Essa Prefeitura, a pessoa com quem você quer conversar tem muito poder. - Justo. - Auditor Fiscal da Receita.

Entrevistador

- Sim. Bem, interessante saber. Em relação à própria Associação, como que vocês elencam as prioridades que vão ser depois requisitadas durante o Orçamento Cidadão ou durante as uniões do Plano Diretor?

M1

- A gente vai ouvindo. Normalmente a gente coloca tudo que eles pedem, mas a gente... esse ano o documento foi bem fraco. - **É?** - Porque é uma repetição dos anos anteriores. Mas a gente pede assim, uma colocação num canal de comunicação dos presidentes de bairro com a Prefeitura. Já que o Mário Hossokawa achou que eles estavam fazendo um favorecimento pessoal, que devia ser feito aos vereadores e não aos presidentes da Associação... não adianta, porque vereador é um ou outro que vai

ouvir a gente, entendeu? E é político, não é técnico o trabalho, né? Então a gente botou aqui, já faz 2 anos, campanhas de melhoria, campanha de dinheiro. Melhoria nas escolas contra fluidez do tráfego. Nós temos 9 escolas aqui dentro, horário de entrada e saída trava tudo. Então a gente queria campanhas, queria mais SEMOB (Secretaria de Mobilidade Urbana), queria mais presença, manutenção de habitação do ZR1, tá? Isso não deveria ter, mas nós estamos pedindo porque se nós tivermos mais fiscalização, nós conseguimos trabalhar. A Prefeitura na verdade não quer trabalhar com as associações. Nossa associação é muito colaborativa. Nós trabalhamos com o pessoal da dengue, assim, de forma maravilhosa. "Preciso entrar em que tal casa, não estou conseguindo, você tem contato melhor, você consegue saber o horário que a pessoa vai estar?", a associação vai atrás, se vira, conversa com os vizinhos e consegue, entendeu? Então existe um trabalho, por exemplo, com os agentes da dengue que nós não temos com nenhum outro. E isso incomoda a Prefeitura porque eles fazem de tudo para tirar os agentes daqui.

Entrevistador

- Então vocês têm canais de interação muito, que vão muito além do Orçamento de Cidadão, né?

M1

- Sim, sim. Melhoria da drenagem do bosque, do Parque do Ingá e do bosque, nós estamos pedindo para que eles façam uma limpeza no bosque, isso demanda orçamento, tá? E para que eles canalizem de forma correta aquilo ali e... por quê? A erosão só está aumentando e está sendo comido aquele bosque. Vai chegar num ponto que vai ser só erosão ali, eles vão dizer "ó, não perdemos o bosque, vamos botar prédio aí", como já quiseram, no caso Pupin. Aí aqui, iluminação do bairro, né? Instrumentalização de dispositivos fiscais da dengue, então dá mais, dá equipamento para esse povo, responsabilizar, usar, ter pessoas... que a PGR entre nos processos dentro... por exemplo, tem um inventário aqui de uma casa, está parada, dengue não consegue entrar, está me dando problema de invasão, está botando a segurança no entorno. Nós achamos no Código Penal uma responsabilidade, de pessoa que abandona imóvel, ela tem responsabilidade diante dos vizinhos. Nós estamos pedindo que eles coloquem gente para fazer essa fiscalização e coloquem gente para atuar dentro desses processos. Ou seja, não é uma coisa assim... mas essa própria prefeitura tem isso, entendeu? Rearborização do bairro, nós precisamos que tirem os tocos e rearborize. O viveiro tem árvore, nós não temos quem tire o toco. Treinamento de fiscais, tem fiscal que parece que está no home office. Então assim, projeto de instalação de câmeras comunitárias, pintura de faixa, sinalização, rua, nome de rua, não tem nome de rua em Maringá, já percebeu? - Já. - Se você não tiver um GPS... só que a maioria das pessoas que vêm para Maringá, principalmente na área central, são pessoas que não têm domínio disso. Melhoria do monitoramento de velocidade nas ruas de acesso às escolas, fiscalização de calçadas irregulares. Nós precisamos de acessibilidade aqui. Então por aí vai. A nossa implantação da obrigatoriedade de grama nos terrenos, para não ficar aqueles terrenos abandonados aqui cheios de lixo, sabe? Varrição, retirada. Olha, eu tive que pedir aqui uma retirada de

um comércio de sucata. Isso não pode aqui dentro da zona 2, dois terrenos sendo usados como comércio de sucata.

Entrevistador

- De maneira irregular, provavelmente, não é?

M1

- Claro! E você sabe o que o chefe de gabinete falou? "Ah, vai na Polícia Civil." Ué, mas que eu saiba, o zoneamento não é Polícia Civil. Apoio operacional... pertence à zona 2 o cemitério. Apoio para limpeza constante, porque a dengue aumenta por causa do problema do cemitério. Aí nós temos duas UBS dentro da zona 2 aqui. Uma funciona, a outra não. Nós estamos pedindo reintegração para aquela que funciona, que é a zona sul. Instalação de bueiros com grades, instalação nas esquinas de lixeiras para a coleta dos recicláveis. Então tudo assim, coisas que poderiam fazer um bairro modelo. - **Sim.** - Uma horta, ou viveiro aqui, ou até um jardim para que os idosos tivessem o que fazer. Nunca fomos ouvidos. Retirada de árvores. É isso. - **Justo.** - Eles nem leem.

Entrevistador

- Pois então, eu ia comentar... Porque ontem a gente não teve muito tempo de conversar por causa da própria Assembleia... Antes de ontem, né?

M1

- Antes de ontem. E está se repetindo todas a mesma coisa?

Entrevistador

- Então, eu fui na Assembleia da APTG2 ontem e tinha bem mais gente. Assim, ainda um dos líderes comunitários lá, ele falou que ele é conhecido como "Italiano" na cidade.

M1

- Ah, o Italiano trabalha dentro da prefeitura! [risos]

Entrevistador

- Pois, é, então...

M1

- [risos] Ele é CC [cargo comissionado] na prefeitura!

Entrevistador

- Ele é CC na prefeitura, tá. Mas tinha algumas outras pessoas que aparentemente não eram. Mas ele falou "tinha que ter muito mais gente aqui". Eu contei, que era de cidadão, uns 20. Para uma Assembleia assim, pelo que eu conheço...

M1

- Não passa disso.

Entrevistador

- É, pelo que eu conheço de outros orçamentos participativos que eu acompanhei, é pouco. Especialmente considerando o tamanho da área, né?

M1

- Mas é que ninguém acredita mais nisso.

Entrevistador

- Então, aí na aqui da APGT1, estava você e tinha mais uma pessoa, só eu acho. Tinha uma moça lá que também não foi lá na frente tirar foto. Pode ser que ela é CC, não sei.

M1

- Eu acho que só estava eu.

Entrevistador

- Pode ser.

M1

- Porque estavam duas do [Conjunto Habitacional] Requião, mas o Requião não pertence à APGT1.

Entrevistador

- Ah, entendi. Então eu queria saber a tua, enfim, se falasse um pouco sobre o porquê que você acha que ali apareceu só [membros da] burocracia mesmo.

M1

- Falta, é, na verdade, o que virou isso? E eu fui lá para depois não dizerem que eu não compareci, tá? Tinha a vontade de ficar em casa. Eu fui a todas. Desde que começaram eu fui a todas. E cada vez diminuindo, diminuindo, diminuindo. Aí eu perguntei para o da zona 4 por que não ia, para o da zona 7, "ué, não adianta nada". Então quando o Hercules [Kotsifas, secretário de governo] falou assim "é, porque a população...", não sei se você viu até um sorrisinho nele, tipo assim, meio...

Entrevistador

- Ah, é um pouco... - Cínico! - Eu chamaria ele de cínico, exatamente. É a palavra que está na minha...

M1

- Porque justamente eles não querem a população. É incômodo. Na última que eu fui, foi lá na zona 5, o que eles tiveram que ouvir... e foram acho que 4 ou 5 cidadãos só. Eles tiveram que ouvir muita coisa, eu fui a mais educada. E eles, para eles, é um incômodo isso. Porque eles não vão ver, eles não vão ouvir, isso é um pré-requisito formal que eles têm que fazer. Não é uma coisa que eles queiram fazer, entendeu? E por quê? Porque perdemos a credibilidade. Como que você vai? O que você vai perder de tempo? Por que o povo não comparece? Porque não adianta nada. Eu ouço de todos isso. Aí vai reclamar que tiraram o gramado da catedral, "mas você foi nas audiências sobre o plano do eixo monumental?" "Não, você estava lá!" Eu estava lá, mas sem voto do meu lado, eu não consigo fazer nada. E outra coisa que nos desanima, pega lá como é formada as audiências públicas, as conferências do plano diretor, das audiências... Onde tem voto, 50% é funcionário público e 50% é povo. Desse 50% é povo, são 50% de CC que eles puseram ali para votar. Então desanima, a gente é voto vencido, que é o poder, e... eu ouvi eles ainda aí "quem vai pagar nosso almoço hoje?". Eu ouvi construtora. "Hoje é por conta da construtora tal", entendeu? Por quê? Eles saem tudo porque dão café da manhã, porque vão ganhar almoço, porque vão ganhar e vão manter o emprego deles. Aí a gente vai falando "você não tem vergonha de votar assim?" "Ah, tem que manter o emprego, né?". Eu acho que o mal do político, do... primeiro, o sistema político é falido. Mas o pior de toda a administração pública é o CC. Porque o CC é um voto de cabresto e ele faz com que os familiares, os amigos em volta, sejam influenciados a isso também.

Entrevistador

- Como se fosse uma cadeia de clientelismo, né? - **É, clientelismo.** - E é interessante ouvir isso porque quando a gente olha o desenho do Orçamento Cidadão dentro... Por exemplo, aqui em Maringá ele parece bem institucionalizado, o que às vezes é difícil de tu ver. Porque o IPPLAM parece bem estruturado, né? Pelo menos enquanto um órgão. Aí se quiser...

M1

- Era tudo para ser bonito.

Entrevistador

- É, então, quando você olha de fora a primeira vez e começa a estudar num primeiro momento ali, parece que não, o Orçamento Cidadão está amarrado no plano diretor, está dentro do Instituto de Planejamento, então parece que está tudo muito bem institucionalizado, muito certinho. Só que parece que tem um... aí se puder dar sua opinião sobre isso, tem uma estrutura de tecnocracia muito forte ali, e enfim, vem com o político.

M1

- Por exemplo, hoje que está tendo uma votação tem uma reunião de CMPGT. Eu deveria estar lá. - **CMPGT é?** - É Conselho Municipal de Planejamento Territorial. Eu deveria estar lá. Porque eles vão votar dentro do plano diretor a modificação da lei 88/2011 e a outra que é de impacto de... Impacto de... silêncio. Depois eu te mando. E tem modificação de zoneamento de uma rua lá na Zona 4, da Joaquim Nabuco. Aí você fica assim, "gente, tem lá um pedido de tombamento, um processo de tombamento das zona 2 e zona 4 correndo". Não poderia ter esse tipo de discussão. Aí você vai ver, Mário Hossokawa por detrás, vai não sei o que, o clientelismo, por quê? Porque tem um escritório de advocacia grande lá, implantando, quer usar... Ele achou uma casa legal mais para a frente e assim que se faz. Sabe quando você pedia a cinco anos, cinco... não, quatro anos, em cada terreno, para transformar ele em... verticalizado? Quem você vai conversar amanhã. Só que as forças de sucessão da Zona 2 e Zona 4 foram tão grandes, que onde ele pediu isso, que é onde está instalado o Condor da Zona 5 ali, Zona 4, não conseguiu fazer. - **Entendi.** - Aí hoje você me pergunta "por que você não está lá?" Existe uma coisa também que as pessoas não conseguem acreditar que alguém possa agir sem intenções políticas no nosso país. O negócio é você dar tanto cacete na cabeça da pessoa para a pessoa desistir. Eu estou desistindo, tá? E associaram que eu estava trabalhando à esquerda, que eu estava trabalhando para uma vereadora que nos ajuda muito mesmo aqui, que é a vereadora M5.

Entrevistador

- Eu ia bem te perguntar na próxima pergunta sobre ela porque ela estava na reunião ontem, na APT2.

M1

- Então, até um certo ponto, M5, ela tinha que dar benção... pedir a benção, né? Mas a partir do momento que ela conseguiu se desvencilhar disso... e ela sempre lutou pela gente, mas a gente via que tinha algo amarrando, como todo político tem, ele tem que abandonar a parte do ideal dele, da ideologia, para fazer a política, que não é uma coisa tão limpa aqui no Brasil. Acho que o mundo inteiro, né? Então para conseguir algumas coisas que ela precisava, ela tinha que abrir mão de outras. Quando chegou no plano diretor, a gente teve um certo... Aí quando foi para votar essa lei da cota 699 e que houve, nós fizemos pressão para ela. E acabou que ela não apareceu na audiência. Na audiência não, na conferência. Por quê? Porque ia entrar em conflito. Porque ela nos defende, como associação. É a pessoa que mais me dá apoio da associação, só que o fato de eu mostrar que é ela que luta pela associação, foi encarado principalmente pelos bolsonaristas, como se eu estivesse trabalhando por ela e eu fosse ser candidata pela esquerda. Gente, nem tudo que ela pensa, eu penso igual. Agora eu trabalho com a sociedade. A minha função cristã é atender o que mais precisa, e eu trabalho com a sociedade. Eu não sou cristã bolsonarista, você entendeu? É aquele que é ajoelha, que reza, que diz mil mandamentos, mas a prática é nada. Eu sou uma pessoa prática, eu sou uma pessoa de ação. Então, assim, M5, ela conhece muito, porque ela foi do Observatório das Metrópoles, é uma pessoa que trabalha muito pela... Só que a gente teve que dar uns toques nela em relação a "Vamos, tudo bem, morador de rua, mas nós temos que fazer um jeito desse cara". E ela foi colocando também... porque ela tinha uma forma muito militante de colocar as coisas, e a militância tem problema. Ela falta pela comunicação, ela acha que todo mundo foi

doutrinado como ela foi. Então ela teve que me mostrar a visão dela para que eu pudesse processar aquilo e eu falei "Não, isso é legal. Nós temos que atender esse morador de rua sim, mas o que nós temos que fazer de prático para ele não me incomodar também"? Entendeu? Aí eu contei uma coisa para ela que surpreendeu ela, eu sou bisneta de um morador de rua. Só que ele sempre trabalhou. Apesar da depressão que o levou, porque ele perdeu a esposa num acidente doméstico, e que estava com uma filha de dois anos, começou a perambular e ele veio da Alemanha para cá como...

Entrevistador

- Indigente?

M1

- Não, ele virou indigente.

Entrevistador

- Ah, virou depois, tá.

M1

- Ele veio da Alemanha para cá para ser um artesão da Neugebauer, de chocolates. Então eles faziam aquelas estátuas, aquelas casas enormes, que eram grandes artesões. E quando ele sofreu o acidente, a coisa degingolou. Só que como ele tinha uma filha pequena, ele parava numa cidade, trabalhava e matriculava essa filha, e tinha que dormir numa pensão. Então a indigência dele era só por uma falta de colocação e uma inquietude de ficar nos lugares. A partir do momento que ele encontrou numa pensão, uma pessoa que o acolhesse sem preconceito, que acolhesse a filha dele, que ele acabou casando com essa pessoa. E os filhos são donos da Porcelana Schmidt. Então assim, a família progrediu, a do lado de lá, porque eu nem conheço, né? Mas assim, você vê que a oportunidade, o carinho, foi o tratamento. Então quando eu contei isso para ela, que eu acreditava que as pessoas podiam ser recuperadas, mas ela tinha que fazer o clique. Que eu entendi o que ela estava falando, só que a maior parte da população não entende. Então tem que mudar a forma de comunicação, porque a militância ela não se comunica. Ela agride. Como é a militância, né, se bem que... não dá para comparar.

Entrevistador

- Sim. Não, perfeito. É interessante, é uma pessoa que eu tenho talvez interesse em... não sei se...

M1

- Pode ir, tenho o telefone dela também.

Entrevistador

- Não, acho que seria legal também as pessoas que a gente conversou.

M1

- Vai adorar conhecer.

Entrevistador

- Sim, seria excelente.

M1

- Eu sento com ela, eu fico horas, porque é uma pessoa que me agrega muito, até em termos espirituais. Porque me leva a praticar muitas das coisas que... Por exemplo, Rio Grande do Sul. O que tem Rio Grande do Sul de realidade com a gente? A empatia, só a empatia. O que eu fiz? Peguei, descobri que a água estava com preço barato, já fui lá. Meu genro é do setor de cargas da Cocamar, já disse "ô Vilson, vocês podiam fazer." Aí descobriram que um dos chefes estava procurando uma forma de fazer, ele mostrou o negócio da água. Então assim, a minha forma de atuação às vezes não é o aparecer, é ir costurando.

Entrevistador

- Prática, né?

M1

- Costurando, entendeu? E eu acho que as pessoas se acomodam por causa disso, não querem costurar, querem aparecer.

Entrevistador

- Mais a rede social que qualquer outra coisa, né?

M1

- Querem aparecer. E eu tenho aquilo que o que mais me incomoda é o aparecer. Mas eu tenho que aparecer. E eu sou no fundo, no fundo eu sou tímida. O magistério é que me tornou mais tagarela, tá? Porque no fundo, no fundo, eu prefiro a solidão.

Entrevistador

- Entendi. E aí um elemento mais específico é que você comentou bastante sobre as... Sobre as demandas mesmo que a zona 2 tem, que a associação tem. Não só a zona 2, né? Mas enfim, o conjunto de associações tem. E eu gostaria de saber se você considera que existe alguma área da cidade que necessita de mais investimento do que...

M1

- Periferia. Periferia precisa de muita atenção. Eu acho que tudo passa também pela área da educação, o povo não tem mais campanhas de educação, não tem. É tudo feito para inglês ver, tá?

Então assim, nós temos em Maringá, a gente recebeu... Muita gente de fora, muitos estrangeiros, cujo hábito é o quê? Colocar no meio da rua o móvel lá ali no meio da avenida e pronto. Maringá nunca teve esse hábito. Ele liga para a prefeitura, a prefeitura marca um dia, vem e busca. Então falta, de repente, representantes de verdade nesses bairros... Para que possam se comunicar com a população, orientar a população. Eu oriento, oriento a zona 2, a zona 4. Em relação aos que eles podem fazer de recurso, entendeu? Falta isso. E são pessoas normalmente tão simples... Eu vou te contar o que eu descobri quando eu comecei a trabalhar com isso. Eles ganhavam cesta básica e vale transporte, os presidentes. Eu virei para a Gisele [presidente de outra associação], "Gisele, você ganha isso?" "Aham, por quê?" "Você não tem dinheiro?" "Não, eu dou para empregado." "Então você vai abrir mão".

Entrevistador

- Isso para...

M1

- Para ser presidente de bairro. Aí tem os comunitários, salões comunitários. Eles ganham também nos salões comunitários. A locação, não sei o quê, então quem tem salão comunitário tem prestígio político. Zona 2, zona 4, não têm salão comunitário, e nem interessa ter. Por quê? O salão comunitário é para reunir a população. Eu não tenho onde fazer reunião aqui, eu tenho que pedir "pelo amor de deus" para me emprestar o plenarinho da câmara, que é dentro da zona 2. Ou eu tenho que tirar do bolso e pagar em algumas das escolas. O que acontece? Eu vou por aula de dança? Quem que vai na aula de dança? A população mais idosa. "Ah, então nós vamos fazer pilates." A maioria tem condição de pagar, e quem não tem condição de pagar, não mexe nem em celular aqui. Então a dinâmica da zona 2 e zona 4 são dinâmicas diferentes, é uma classe que caiu e o orgulho nunca livra. - **Sim.** - Entendeu? Eu sei, porque eu aposentei e vejo que o contraste é grande de renda. É sufocante a coisa, mas a gente tem que se adequar e tem que, de repente, se tocar também. Eu não posso pedir na casa que eu nunca mais fiz manutenção, não posso pedir aquilo. Ou eu faço manutenção para pedir aquilo, ou eu me contento com que vão pagar nela. Mas não, o cara quer pedir R\$ 3 milhões numa casa nunca foi uma pintura. Então, assim, o orgulho aqui.

Entrevistador

- Faz sentido, faz sentido.

M1

- Eu sou muito fora da casinha aqui.

Entrevistador

- Para o padrão da...

M1

- Eu fui criada aqui dentro, mas a minha família veio de fora, então nós temos uma visão cultural muito diferente.

Entrevistador

- E isso toca porque você contou da história do bairro, como que ela... Enfim, esses casarões têm a ver com essa origem de profissionais liberais. E o interesse do nosso projeto como um todo é identificar como que se dá habitação na cidade. Seja habitação popular, seja habitação de autoconstrução. E eu queria saber mais especificamente se habitação aparece no Orçamento Cidadão de alguma maneira. Ou aparece nas pautas talvez do plano diretor.

M1

- Do plano diretor, sim. A preocupação de Maringá é que se transforme de uma forma mais hegemonizada essa interação, não faça essa divisão muito grande em relação... Porque Maringá é predominantemente classe média, só que surge uma classe alta que é altamente contrastante. Tem gente que mora aqui e durante a semana o cara é empresário em São Paulo e volta aqui final de semana. Tipo Florianópolis, entendeu? Existe muito disso, porque a facilidade do avião, qualidade de vida da cidade, o estudo é bom, os índices são bons aqui. E é uma cidade que vive de aparências, porque o custo é alto. O custo de moradia é altíssimo, terrenos tudo caro. É óbvio que eu não sou boba, que essa região aqui é o que bota o preço lá para cima. Porque é uma região de qualidade e se eles mantiverem, quanto mais para as imobiliárias, mantiverem essa qualidade, vai o resto no entorno subir. É uma cidade que não tem muito para onde expandir, porque o território de Maringá é mais restrito do que de muitos outros lugares.

Entrevistador

- E já está aglomerado com outras cidades em torno também, né? Outros municípios.

M1

- E os Barros, Ricardo Barros, quando ele fez o planejamento da cidade ali, o re-planejamento, porque muito da evolução se deve aos barros, tá? A gente não gosta, mas é verdade. Ele fez o seguinte: vamos jogar para o entorno, os pobres, os prestadores de serviço domésticos, os prestadores de serviço mais simples e vamos deixar a cidade classe média. Tanto que você for ali, no lugar ali com esse jardim, esse... ai... Fugiu, ali na zona 8. Se você for ali, você tá vendo uma coisa totalmente... o Eurogarden, totalmente diferente, entendeu? Lindo, maravilhoso. Aqui embaixo já tá tudo liberado para do lado de lá, também vão ser jardins feito o Eurogarden, vai ser um novo Eurogarden aqui. O grande erro da administração deles foi o novo centro, aquele monte de prédio, não põe árvore, não tem como... porque tem um... não pode por causa do trem embaixo, né? Da linha de trem, da COPEL, fizeram... não fizeram um planejamento correto, não é? E o que acontece? Quando a gente vê, a gente vê o pobre cada vez mais longe. E não só o pobre, nossos filhos por exemplo, que tão começando a vida em profissões. Eu não tenho dinheiro para poder... eu sou professora, meu marido é advogado, tá bem constituído, tudo, mas

nós não temos condição de chegar "filha escolhe um carro, escolhe uma casa aí, um escritório". Não. Minha filha, a outra filha é engenheira, ela trabalha dentro da Cocamar. Ela não tem condição de comprar um apartamento de R\$ 700 mil, entendeu? A maioria dos professores não tem condição disso. Então eles vão ter que atravessar e ir para outra cidade para morar, por quê? Porque estão cada vez mais longe! O ideal seria pequenas cidades, dentro das cidades, que é o que a gente percebe que é o que eles queriam fazer. Mas devido ao custo isso não vai ser possível. Aí o construtor vai dizer "ah, porque eles exigem demais em Maringá, não sei o quê, para construir..." porque é o que a gente ouve no plano diretor, tá? "Vai ficar cada vez mais caro". Ué, mas será que o lucro deles não tá muito alto também? Porque você não vê construtor passando fome. Muita coisa de luxo aqui que você sabe que tá fechado. Tem um apartamento de R\$ 5 milhões aqui, R\$ 7 milhões. E a [incompreensível] tá sendo vendida a R\$ 7 milhões. Tem lógica uma cidade dessa? Que o salário médio não chega, não chega...

Entrevistador

- R\$ 7 milhões é preço de cobertura na Beira-Mar em Florianópolis. Eu vivi lá 8 anos, eu conheço bastante lá.

M1

- Você tem um pouquinho do sotaque de lá, tem um pouquinho do sotaque de São Paulo, as vezes vai no inglês ali. [risos]

Entrevistador

- Dá uma misturada, sim.

M1

- Já morou nos Estados Unidos?

Entrevistador

- Já, um ano, fiz doutorado-sanduiche lá. Voltei agora em março.

M1

- Porque às vezes eu noto, como professora de línguas. [risos]

Entrevistador

- Eu sou uma esponja, assim, eu vou pegando coisa de cada lugar.

M1

- É? Eu sou também, eu entendo.

Entrevistador

- Interessante, não, interessante ouvir isso. Aí só tenho umas últimas duas ou três perguntas aí a gente fecha, não sei se está com...

M1

- Eu tô tranquila. Marido viajando, filho viajando, eu tô tranquila [risos].

Entrevistador

- Perfeito. Não, para mim é melhor quando a gente consegue conversar melhor, assim. E... você comentou que vocês não têm um espaço, né? - **Não.** - Mas uma coisa que me chamou a atenção é... Qual que é o tamanho, assim, da associação? Quantas famílias estão ali envolvidas? Sabes dizer?

M1

- São 1918 casas... Só nos grupos, nós temos cerca de 600 pessoas inscritas, 620 pessoas inscritas. Quando eu peguei era cento e pouco. E isso foi um susto para a administração, esse crescimento. Isso porque eu não saio mais de casa em casa. Porque se eu sair de casa em casa, eu vou ter muito mais. Eu já cheguei num ponto que... A pressão aqui, olha. Eu fui ameaçada de morte, no plano diretor.

Entrevistador

- Plano diretor?

M1

- É. Quem incomoda e não fica quieta... entendeu? Eu tenho, assim, um negócio meio impetuoso, a M4 se preocupa muito comigo, porque eu sou muito impetuosa. Eu perco o medo muito rápido. Na hora que... Ao mesmo tempo que isso é bom e você fala algumas coisas que têm que ser ditas, ao mesmo tempo isso é perigoso. Porque expõe demais, né? Então eu meio que perco... Aqui, olha. Depois do meu COVID que eu quase morri então foi pior ainda. Sabe quando você perdeu o bom senso das coisas? O Covid me fez isso, perder o medo das coisas. Acho que por ter quase morrido, eu perdi o bom senso.

Entrevistador

- E aí, eu queria ver também em relação a... Você comentou que vocês chegaram a interagir com a Arquidiocese. Você falou que tem uma trajetória também ter sido criada dentro do ambiente da Igreja Católica Apostólica, né? Imagino.

M1

- É, romana.

Entrevistador

- Isso. E... Vocês têm alguma interação diretamente com a Arquidiocese? Enquanto movimento?

M1

- A Arquidiocese, ela pertence à associação. Ela pertence à localização da associação, que é aqui: JK, Tiradentes, São Paulo e Tororó. A gente podia abranger o lado de lá, mas quando ela foi fundada, aqui lá não era zona 2. Então nós não colocamos, porque daí é outro zonamento e poderiam interferir no zoneamento de cá e a gente não misturou. Mas algumas coisas a gente luta pelo lado de lá também, né? Mas a Arquidiocese, como que é feita a interação? Quando a gente percebe que alguma coisa vai afetar a catedral, ou vai afetar demais nossos bairros, eu como de família católica, minha irmã é ministra da eucaristia, meus pais são de dentro da igreja ali, eu procuro os padres. Os padres frequentam minha casa, mesmo eu não frequentando, eles frequentam minha casa. Eu tenho uma coisa, eu não sou aquela católica de minha igreja, eu sou péssima. Mas eu não abandono a igreja. Eu tenho minhas crenças, mas também não sou a ponto de não enxergar as coisas. E eu fui e expus tudo para o padre. Como que era politicamente a situação, como que não era, como quem usava da igreja, quem não usava da igreja. Os padres têm uma rede de apoio, de informação, muito boa, nada é feito sem ser informado. É por isso que demora tanto a agir. A igreja tem essa característica, ela demora muito a agir. Por quê? Porque é feita essa investigação. Aí um tal de vereador chamado Sidnei Telles, que usou de um grupo de mil pessoas dentro da igreja do movimento carismático para se eleger, e que numa reunião do conselho falou que ele estava defendendo o interesse ao votar contra a catedral, a favor da cota 699, eu falei "mas Sidnei, você está votando para esconder a catedral. A catedral é o que tem de principal nessa cidade, e o plano de cidade jardim. Você está votando contra a catedral, que é a sua religião, o pessoal que te elegeu." Eu não fui eleito pela catedral, eu fui eleito... eu estou defendendo as pessoas que me elegeram." Eu falei assim "que eu saiba que você usou um grupo de jovens para isso." Eu mandei para o padre, eu falei "padre, vai na reunião tal, tem isso gravado." Saiu chorando da reunião com o arcebispo. E não voltou atrás, porque ele está defendendo... Então, quando você falar, ainda falei para ele "Seu Sidnei Telles, quando o senhor falar que o senhor está defendendo os interesses de quem o elegeu, deixe claro que são as construtoras, que o senhor inclusive é dono de uma" - ele é dono da Ciplart [Construtora] - "e não os católicos, cada vez que você usar o movimento católico para se eleger, eu vou denunciar." Então, essa coragem eu tenho, por isso que eu não sou bem-vista. Ele me chama de "miss encrença" [risos]. Por quê? Eu acho um absurdo usar a crença das pessoas para isso. Por isso que eu odeio o Bolsonaro, e não gosto do jeito do Lula trabalhar também, mas porque ele ilude o social também, entendeu? Então, eu sou a favor de uma reforma política total no país, total. Quanto um tiver... desculpa a expressão..., mas, assim, voto de mulher 20%, é tudo que a gente queria, mas é pura ilusão. Porque na hora de distribuir a verba e eles não dão para a mulher a verba, a gente sabe como que é. Então, entre as mulheres tem expressão bem pesada para falar esse tipo de candidatura, né? Mas não me ilude essas coisas, não me ilude e eu não tenho a mínima vontade de estar lá. A mínima vontade.

Entrevistador

- Justo. E...

M1

- Sem falar que dá muito trabalho, tem dia e noite, reunião, tem...

Entrevistador

- Sim. Não, com certeza. E, assim, eu acho que teria uma... Duas das últimas perguntas que eu gostaria de fazer. É que essas são mais relativas ao Orçamento Cidadão e a tua opinião sobre ele. Então, tu pode falar, enfim, o que tu... O que você acha que... Tua opinião sobre o papel desse instrumento dentro do planejamento da prefeitura hoje, né? Então, tu acha que o Orçamento Cidadão de Maringá, de alguma maneira, ele contribui para a resistência, na luta pelo direito da cidade? E se ele tem algum impacto positivo contra a desigualdade?

M1

- Não. Não tem impacto positivo contra a desigualdade porque quem está nos bairros desiguais não tem uma representação justa. É uma representação política, normalmente. E quando se faz alguma coisa nesses bairros é porque ou tem alguém com muito interesse nesses bairros ou porque está chegando o ano político, interesse político. Em relação às representações, as representações são muito fracas. Elas... Representação... Elas... Primeiro que a população não quer participar. Segundo, porque quem vai, acaba sentindo que não serve de nada, que está lá só para fazer um número. O ideal seria modificar, "Olha, vocês pediram isso, nós vamos conseguir atender isso." Vamos ter transparência! Falta essa transparência. A prefeitura pode dizer que sim, que tem transparência. Eu nunca recebi um documento da prefeitura de retorno do que foi pedido. Eu nunca recebi do orçamento participativo "ó, nós vamos destinar tantos milhões ao seu bairro, tantos mil ao seu bairro." Nunca! Nunca, nunca, nunca. Vamos fazer tal coisa em tal bairro, não existe planejamento. A impressão que dá é que lá é "Olha, fulano de tal, nós estamos devendo favor para ele, então nós vamos fazer para ele." É muito amador. E assim, você viu a reunião do secretário falando, um leigo entende aquilo?

Entrevistador

- Não, então... Eu inclusive entendi que ele estava falando besteira. Porque eu estudei sobre isso que ele estava falando e na verdade não..., enfim.

M1

- E você vai me desculpar, eu sou uma leiga, mas eu não sou uma leiga ignorante. Eu participei do plano diretor inteirinho! Eu sei que as coisas não são feitas daquela forma. Ele pegou do ano passado a mesma coisa que passou esse ano. Então não existe clareza para falar para o povo. O plano diretor, o maior obstáculo para o povo é que a linguagem não atingiu. Então não atinge, não tem transparência e a linguagem não atinge o povo.

Entrevistador

- Eu senti a mesma coisa na reunião do Orçamento Cidadão. A primeira coisa começa com leitura de lei, com uma coisa muito burocrática, então...

M1

- É porque parece que há obrigatoriedade da leitura da lei.

Entrevistador

- É, mas poderia ser feita de alguma maneira diferente.

M1

- Para o povo! Não há necessidade, ou faz um panfleto, assim ó "vocês estão com a lei aí, vão consultando." E assim, eu sinto que as pessoas, na penúltima reunião que eu fui, que foi lá na Zona 5, a revolta era muito grande. De que pede, pede, pede, pede todo ano no orçamento e ninguém vai, por isso que ninguém veio aqui.

Entrevistador

- Sim, uma coisa que eu também queria, como se fosse um parênteses nessa pergunta, que é o desenho do processo. O orçamento participativo, quando ele surge, quando ele se tornou forte no Brasil, em cidades como Porto Alegre, Belo Horizonte, Ipatinga, e depois no resto do mundo, ele dá certo quando ele é decisório. A decisão que é tomada na assembleia precisa ser feita por lei. E aqui não, ele é consultivo.

M1

- Consultivo. Porque eles decidam o que vão fazer e não comunicam. E é tudo, e assim, câmara, você já ouviu falar da Turma do Amém?

Entrevistador

- Turma do Amém, aqui?

M1

- Aqui na época do Silvio, do Pupin, tinha a Turma do Amém. Tudo que a Prefeitura mandava era amém, continua a Turma do Amém, entendeu? Então o que a gente vê, a câmara não faz o papel dela de fiscalizador, e a prefeitura não faz o papel dela de executar. Ela executa coisas que vão dar votos. Você acha que precisava ter feito um eixo monumental destruído, tudo do jeito [que] destruíram, largar a cidade um ano, quase dois anos assim, destruída no centro, ao invés de ir fazendo por etapas, e vão pular o ponto crítico da cidade, não vai ser feito, que a Praça Raposo Tavares? Não vai ser feito. Ele falou ontem, mas era mentira. Não vai ser feito. Porque a verba destinada à Raposo Tavares não foi pedida. Eles deveriam ter começado pela Raposo Tavares, que é onde todo o maringaense se incomoda, porque o maringaense tem que passar ali.

Entrevistador

- E qual é o problema da Raposo Tavares hoje?

M1

- Ela é ponto de droga, é onde todo o trabalhador do centro, advogados, todo mundo tem que passar.

Entrevistador

- É bem ponto focal.

M1

- Perto do ponto... perto do terminal urbano. Só que cenas violentíssimas, e é o ponto principal da cidade, é o principal. Você pega a catedral aqui, vai até... é uma rua reta, vai até a UEM. Esse é o eixo monumental, eles pularam a Raposa Tavares. Foram mexer na catedral contra a Arquidiocese. Porque a catedral ali só pertence à catedral, porque a catedral está aqui, só pertence à catedral aquele... - **O círculo ali.** - O círculozinho, aquela calçada em volta e duas rampas. Só pertence à catedral isso. Por causa de um processo que houve aí, a catedral perdeu, por causa da prefeitura, que usaram para fazer enfeite de natal a catedral. Aí o Ministério Público caiu em cima, dizendo que a catedral usou a luz para isso. Mas não foi a catedral que usou, foi o município, mas na época acho que não fizeram direito a defesa...

Entrevistador

- Sim, e o Ministério Público aqui é muito...

M1

- Age de acordo com... Tem gente muito idônea. Mas nessa área, que mexe com essa parte da prefeitura, é muito complicado. A área da... que é a área de... instalações, eu não sei como é que é, fazenda? Não é fazenda, né? Não é. O que se fala é... E a gente sentiu isso. Não vai para frente. O seu entrevistado de amanhã tem na mão esse povo. - Sim, entendi. - Você pega todo mundo pelas suas dívidas, pelas suas fraquezas, e quem tem acesso a isso?

Entrevistador

- Sim, quem está lá dentro, claro. Ótimo. M1, eu tenho uma última questão, porque você usou a palavra que eu queria usar, que você falou sobre não é uma distribuição justa, né? Um conceito que eu tenho estudado é a questão da justiça territorial. E assim, uma das minhas perguntas de pesquisa é identificar se os orçamentos participativos no Brasil favorecem a justiça territorial ou não. E aí, no caso de Maringá, eu queria, enfim...

M1

- Você sabe que nós temos as ZEIS [Zonas Especiais de Interesse Social] aqui, né? Isso foi uma coisa positiva que veio, mas não dentro do orçamento participativo, tá? Ele veio, outra vez, num trabalho do IAB [Instituto dos Arquitetos Brasileiros], da UEM, de uma pressão que não passou por dentro desse orçamento. Em que grandes terrenos, até por interesse dos próprios construtores, grandes terrenos poderiam ser usados para fazer moradia popular. Mas aí é que vem o golpe. Tanto X vai ser da prefeitura, um apartamento da prefeitura, que ela vai para moradia popular. Tanto X para o sistema financeiro, 10% do sistema financeiro, por exemplo, não lembro bem, mas acho que é isso. O resto vai poder entrar no mercado. Quem é moradia popular com R\$ 700 mil?

Entrevistador

- É, nossa, exatamente.

M1

- Então, assim, existe esse negócio com a ZEIS, com um positivo, teoricamente, tudo é muito teórico. Só que quando vai para a prática, é onde a gente perde quando vai para a prática, porque os interesses são maiores. Aí, quando você vai para a prática, você vê que não funciona daquele jeito, porque tem que atender o mercado. Então, a linha gira muito em cima do mercado, isso vai criando uma desigualdade muito grande. Vai criando e vai isolando cada vez mais, levando para fora. Como diz minha filha "eu nasci, vivi na zona dois, mas não me pagam o suficiente para me manter nem dentro da cidade".

Entrevistador

- Sim. Perfeito, perfeito, M1. Eu queria... Acho que a gente pode finalizar. Não sei se tem alguma última coisa que você queira comentar, algo que você acha que faltou.

M1

- Eu acho que... Eu não sei as conclusões que vocês vão chegar em relação aos estudos, mas deveria ser estudado uma forma de trazer essa população de forma participativa. E não é, eles dizerem, pesquisa online como eles quiseram fazer dentro do bairro para ver se abre o bairro ou não. Entendeu? Porque isso não é, eu tenho gente que não mexe no WhatsApp dentro do bairro. Que eu tenho que chegar lá "Dona Alzira, sua irmã está falando no WhatsApp comigo e pediu para você atender o telefone." Eu tenho que chegar em alguns moradores assim. Então, a cabeça do gestor da cidade não está de acordo com o nível cultural da cidade, de uma maioria. Então, parece que falta conhecimento de todos os gestores de modo geral, principalmente da burocracia do Estado, de qual nível cultural ele atende. E de como você vai trazer nessas reuniões, como que você vai levar o povo. É o quê? Melhorando a credibilidade, trazendo um feedback do que foi requisitado. Se eles me dessem um feedback disso daqui, do documento que eu entrego na mão deles... eles não me dão. Se eles dissessem [que] meu bairro vai receber tanto de orçamento para a gente, não me dão o retorno. Não me dão o retorno nem do que a gente pede. Então, falta isso. Ninguém acredita no que não dá retorno, senão fica você falando no vento.

Entrevistador

- De acordo. E aí, aproveitando que estou falando sobre a questão online, tem um conceito que é a desigualdade digital. E pareceu para mim que tem... Parece que o foco é "Não, preenche o questionário online", porque ontem que teve...

M1

- Foi, preenche o questionário online.

Entrevistador

- Ontem teve manifestações presenciais lá na APGT2, pelo menos umas 5, 6 pessoas falaram lá na frente. Aí o secretário da fazenda falou "Ah, isso aqui vai virar um relatório que vai sair para o orçamento cidadão..."

M1

- Não vai virar nada!

Entrevistador

- Mas parece que eles só querem que o pessoal preencha...

M1

- É, mas só proforma, para eles cumprirem o rito, entendeu? Eles cumprindo o rito, vai aparecer nas pesquisas que eles cumpriram, fizeram a parte deles. Então, muita coisa do que aparece, não aconteceu de verdade. Não aconteceu, não rolou. Então é isso, por que eu vou lá para ser ouvido e não ter nada de prático daqui? A M1 vai. Mas ela sabe que aquilo lá é só para o inglês ver. E o povo sabe, só que o povo não vai. Cansou.

Entrevistador

- Sim. Perfeito. Então é só... Enfim, você como também foi professora universitária sabe, isso é de um caráter científico, a pesquisa tem totalmente direcionada, inclusive na própria tese, depois se você quiser ler, eu posso te mandar, fica a vontade.

M1

- Manda um feedback aí [risos].

Entrevistador

- Sim, com certeza. Teu nome não vai estar declarado, enfim, você vai ter anonimato em relação a todas as declarações que você teve. Me coloco à disposição depois, sobre todo contato que a gente tiver.

M1

- Eu gosto, acho interessante a pesquisa, porque a pesquisa ela permeia uma realidade que não aparece, que a burocracia não quer mostrar.

Entrevistador

- É, isso é o nosso objetivo, né, dentro do nosso projeto.

M1

- Por que o povo não é participante? Por que ele só é participante da revolta?

Entrevistador

- Sim. É, muitas das vezes porque... eu vou até fechar já.

M1

- Pode fechar.

Entrevistador

- Enfim, agradecer publicamente, deixar registrado.

Fim da transcrição